



A “magia” do soldado desconhecido: rituais fúnebres militares

Adriane Piovezan¹

O Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro (RJ) não é o único local a abrigar um túmulo do Soldado Desconhecido brasileiro caído em ação naquele conflito. Também o Monumento Votivo Militar Brasileiro, antigo Cemitério Militar Brasileiro na Cidade de Pistoia (Itália) abriga um túmulo desse tipo. Os aspectos singulares desse túmulo em Pistoia permitem questionamentos quanto à sua real motivação e até mesmo a autenticidade do seu caráter simbólico. Trata-se do único caso de Soldado Brasileiro Desconhecido enterrado no exterior, daí a sua importância.

A motivação para a construção de um túmulo do Soldado Desconhecido no Monumento Votivo foi resultado de um conjunto de circunstâncias que pretendiam consolidar o processo de rememoração dos mortos na guerra.

De acordo com os relatos consultados, sua origem remonta à inauguração do Monumento Votivo em 7 de junho de 1966. De 1945 até 1960 os corpos dos soldados brasileiros mortos na Itália foram enterrados no Cemitério de Pistoia. Em 1960 os restos mortais foram trasladados para o Rio de Janeiro, para o Monumento aos Mortos Brasileiros da Segunda Guerra Mundial. O antigo Cemitério Militar de Pistoia tornou-se um Monumento Votivo.

Durante a inauguração do Monumento Votivo, dentre as várias autoridades italianas e brasileiras presentes à inauguração do Monumento, encontrava-se o prefeito da cidade de Montese, o maior dos combates travados pelos brasileiros na guerra. A cidade foi palco de intensos combates por parte da FEB e das forças armadas alemãs entre 14 e 19 de abril de 1945. Nada menos de 34 brasileiros morreram ali, de um total de 426 baixas. Na ocasião da inauguração do Monumento, o prefeito fez saber às autoridades brasileiras da existência de uma antiga sepultura próxima ao centro da cidade de Montese, na qual civis italianos teriam enterrado um soldado brasileiro, morto no decorrer da batalha pela posse daquela localidade em meados de abril de 1945.

¹ Doutora em História pela UFPR, 2014.

A Embaixada Brasileira em Roma organizou então as atividades de exumação e recuperação do corpo, provavelmente usando seu próprio pessoal, além de meios materiais e humanos contratados. Tratava-se de um contexto no qual havia tempos não eram mais encontrados corpos de brasileiros. Os que foram localizados, já haviam há anos sido transferidos para o Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia e, de lá, trasladados em 1960 ao Rio de Janeiro, a fim de serem reunidos no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial naquela cidade. Seria de se esperar que esse corpo tivesse o mesmo destino, uma vez que com a conversão do antigo Cemitério em Monumento o local já não exercia qualquer função cemiterial. Contudo, a destinação final do corpo deveria ser, necessariamente, precedida pela sua identificação.

Em pesquisa nos acervos fotográficos do AHEx pudemos encontrar uma extensa série de fotos documentando tais atividades. As fotos em si são bastante simples, objetivas e protocolares. Contudo, o exame das legendas que as acompanham revelam diversos aspectos do processo de construção histórica desse soldado “desconhecido” que vale a pena discutir.

Os trabalhos se iniciaram a 3 de maio de 1967, com a remoção de árvores e de uma camada de terra de cinco metros de profundidade, a qual cobria o túmulo. Todo processo foi acompanhado por um grande número de moradores locais que a tudo assistiam. A fotografia que capta o momento mesmo em que se embalam os restos mortais desse combatente recebeu uma legenda significativa:



Cemitério de Montese – Subtenente Miguel Pereira, da reserva do Exército, identifica e recolhe à urna os restos mortais do “pracinha”, que permaneceu sepultado 22 anos numa ribanceira na orla de Montese. Os “velhos” da cidade, que assistiram ao combate de 14/04/1945,

guardaram silenciosamente a sua sepultura, até entregá-lo ao Brasil em 23 de maio de 1965. Foi a Força Expedicionária Brasileira (I/11 RI – Batalhão Carvalho Lisboa) que libertou a Cidade de Montese, naquela jornada, de quatro anos de ocupação alemã.

Não foi possível determinar a autoria dessa legenda, nem tampouco suas fontes. É de se notar que a legenda estabelece uma ligação entre aquele morto e a população da cidade ao afirmar que os “velhos” da cidade, que assistiram ao combate de 14/04/1945, “guardaram silenciosamente” a sua sepultura, até entregá-lo ao Brasil em 23 de maio de 1965. O que se percebe claramente é a forma pela qual o enterramento desse soldado pelos civis italianos à época da guerra é descrito. Não foi uma solução de emergência, face às contingências impostas por uma época de extensos e violentos combates. Mas sim o resultado da relação estabelecida entre o combatente brasileiro e aqueles a quem – com o sacrifício da própria vida – ele enfim, libertou do jugo nazista.

Também não se considera que se tratava de uma iniciativa isolada ou desprovida de sentido. O que um conjunto de moradores daquele local buscou – a tomar ao pé da letra essa legenda – foi dar sepultura ao mesmo tempo segura e apropriada (“guardaram silenciosamente”) até que o corpo pudesse ser entregue à Pátria de origem (“até entregá-lo ao Brasil”). Finalmente, o sentido último da presença dos brasileiros na Campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial – a libertação da Itália do jugo nazista – é lembrada: “libertou a Cidade de Montese, naquela jornada, de quatro anos de ocupação alemã”.

Impunha-se a identificação pelo menos da nacionalidade do morto, antes de sua entrega às autoridades brasileiras. Os restos mortais desse soldado foram então recolhidos a uma urna que foi provisoriamente guardada no cemitério daquela cidade. A urna em si era uma pequena obra de arte, ricamente trabalhada. Seria assim que os restos mortais seriam entregues as mais altas autoridades militares e diplomáticas brasileiras.

Não era apenas da parte das autoridades e moradores da localidade de Montese que o assunto era entendido como sendo merecedor desse tipo de manifestação de apreço e importância. Da parte dos brasileiros também se percebe que não se tratava em absoluto de um ato que pudesse ser confiado a desconhecidos e insignificantes burocratas da nossa diplomacia. Muito pelo contrário, o Adido Militar da Embaixada e o próprio Embaixador compunham a comissão de autoridades brasileiras a que foram transferidos os restos mortais.

No Cemitério de Montese, onde se encontravam recolhidos a uma urna, os restos mortais do “Pracinha de Montese”, desde a exumação em 23/05/1967, realiza-se a entrega ao representante da Embaixada do Brasil, pelo prefeito da Cidade, depois de reconhecida, pelas autoridades italianas a nacionalidade brasileira. A urna, em madeira de lei, com alças de bronze, foi oferecida pelos marceneiros e artífices de Pistoia. Foi transportada para Pistoia, onde foi recebida pelo General Floriano de Lima Brayner, autorizado pelo Presidente da República e pelo Embaixador Dr. Alamo Louzada, para o definitivo sepultamento. Montese e Pistoia, 05/06/1967.

Na ausência de qualquer identificação, os restos mortais passaram a ser conhecidos como o do “Pracinha de Montese”. É de se notar que, desde a época da guerra, os membros da FEB eram carinhosamente referidos pela população civil brasileira como os “pracinhas”, isto é, o diminutivo de praça, que é a palavra que designa os militares de mais baixa patente, por exclusão, aqueles que não são membros do oficialato. A batalha de Montese foi a mais cara e a mais difícil das travadas pela FEB. Ao identificar o corpo como associado à localidade, se evoca o sacrifício suportado por todos brasileiros na libertação daquela cidade da ocupação alemã.

O reconhecimento da população italiana ao sacrifício dos combatentes brasileiros em prol da causa as sua libertação surge novamente nos registros fotográficos do processo. É o caso de lembrar que a população de Montese teria, em tese, “guardado silenciosamente” o corpo do soldado brasileiro ali enterrado. Agora esse reconhecimento da população italiana se expressa, de forma concreta e inequívoca no oferecimento que fazem os marceneiros e artífices da cidade de Pistoia, de uma bela urna funerária em madeira de lei com alças de bronze. Finalmente, a listagem de autoridades italianas e brasileiras envolvidas reforça a importância que se atribuía, da parte de ambos os governos, a todas as etapas deste processo.

Duas outras fotos revelam detalhes da cerimônia do definitivo sepultamento do corpo, embora obviamente nada informem sobre as circunstâncias na qual se decidiu o local em que tal ocorreria:

O capelão-mor do Exército Italiano celebra missa de corpo presente, pelo “Pracinha de Montese”, antes de ser sepultado ao pé do monumento, tropa e carabineiros em continência. A urna sobre o cadafalso armado pela paróquia de San Rocco, Pistoia, 7/06/1967.

7 de junho de 1967 – No ato de sepultamento do “Pracinha de Montese”, a Embaixatriz do Brasil, A Sra. Reale e a Sra. Lima Brayner depositam uma coroa de flores sobre a tumba. Presentes as autoridades de Pistoia, Montese, Porretta Terme e Florença – tropa do 83º. Regimento Italiano – representações militares (incluindo tanto delegados da OTAN quanto da “Cortina de Ferro”).
A última homenagem: terra trazida de Montese é lançada sobre a urna que contém os restos do “Pracinha de Montese”.

As fotos e suas legendas não deixam qualquer dúvida sobre o caráter solene, grandioso, transcendental do evento. Antes de serem sepultado os restos mortais do “Pracinha de Montese”, tiveram em sua intenção rezada uma missa solene. Tal missa foi rezada por ninguém menos do que a autoridade eclesiástica máxima da instituição militar, o capelão chefe do Exército Italiano. A Igreja Católica Apostólica Romana também se envolveu com o evento, através da paróquia local, oferecendo apoio material à celebração da missa.

Efetivos e autoridades das organizações militares italianas como o Exército também compareceram em peso, oferecendo os préstimos de elementos de um dos seus regimentos de infantaria, a fim de prestar ao morto ao baixar à sepultura autênticas honras militares. Também efetivos dos Carabineiros, força policial que executa funções de defesa nacional, se fez presente. Além disso, compareceram representantes das forças armadas de vários países, provavelmente adidos militares às respectivas representações consulares na Itália.

Mas o mais impressionante na descrição dessa cerimônia é a ampla participação cívica e popular. Expressivo número de civis italianos da região acompanhou toda cerimônia. Nada menos de quatro municipalidades enviaram representantes a tal evento que, em princípio, só se referiria as cidades de Montese e Pistoia. Além dessas duas, também as localidades de Porretta Terme e Florença enviaram representantes. Tal atitude é compreensível, se levarmos em conta os vínculos criados pela FEB com essas localidades e, lógico, se desde sempre assumirmos que o Soldado Desconhecido é o ícone que melhor e mais eficazmente representa os mortos de determinado Exército em qualquer guerra, independentemente do local em que tenha sido efetivamente morto.

Porretta Terme foi a localidade na qual se fixou de forma mais duradoura e intensa o Quartel-General da FEB: era dali que se comandava o front do Monte Castello. Já Florença era o principal destino dos praças da FEB para fins de descanso e

turismo. Em ambas as cidades localizavam-se diversos serviços de apoio e logística da Divisão Brasileira. Como que a reforçar ainda mais os vínculos da região com o corpo que baixava a sepultura foi lançado sobre a urna antes do fechamento da sepultura em Pistoia um punhado de terra trazida de Montese, local onde foi morto e inicialmente sepultado esse soldado.

Não foi possível estabelecer se a iniciativa de se dar sepultura a esse soldado no recém-inaugurado Monumento Votivo foi pensada como expediente temporário, enquanto se aguardava sua identificação, ou como uma solução definitiva. Novamente aparece aqui o conflito entre trazer de volta à pátria os corpos dos mortos em combate no além mar, ou deixá-los sepultados na região onde foram mortos. É possível que se tratasse de expediente temporário, uma vez que não se cogitou inicialmente de atribuir a esse corpo o estatuto de “Soldado Desconhecido”. Era um corpo ainda por identificar que, na falta de qualquer designação, foi chamado inicialmente como o “Pracinha de Montese”.

Existem diferentes versões sobre como e porque o “Pracinha de Montese” se converteu no “Soldado Desconhecido”. O pesquisador não-acadêmico e blogueiro Chico Miranda opina da seguinte forma:

Depois de um ano de pesquisa, o Guardião do Monumento, Miguel Pereira, conseguiu localizar os restos exatamente no local indicado, achando provas que não deixavam dúvidas quanto à nacionalidade dos restos e sim sobre a identidade certa de quem podia ser o corpo, entre os ainda 15 desaparecidos. A decisão de deixá-lo repousar no Monumento, enquanto Desconhecido, e então representando todos os irmãos tombados no cumprimento do Dever, transformou o local – de fato – num Sacrário.

Essa é a versão oficialmente admitida pelo atual administrador do Monumento Votivo, o Sr. Mário Pereira, a quem tive oportunidade de conhecer em viagem ao antigo front brasileiro na Itália em 2010. Em visita ao Monumento conheci o Túmulo do Soldado Desconhecido, onde repousam desde 1967 os restos mortais do antigo “Pracinha de Montese”. Em entrevista concedida no ano seguinte ele voltou a afirmar a condição do indivíduo ali sepultado:

De 65 até 67 na mesma área onde ficava o Cemitério Militar, começaram as obras do Monumento Votivo Militar Brasileiro, e em 67 foram encontrados os restos de

um militar que desde então fica no *túmulo* do Soldado Desconhecido, na frente da chama eterna.

É importante notar que a Chama Eterna já constava do projeto original do Monumento. Ela teria sido acesa no dia 7 de junho de 1966 na cerimônia de inauguração do Monumento, pelo Sub-secretário da Defesa Nacional do Governo Italiano, mantendo-se assim desde então. A localização do túmulo do Soldado Desconhecido junto à Chama Eterna é um recurso que, em tempos contemporâneos, remonta ao final da Primeira Guerra Mundial. Lembremos que em 1920 foram sepultados simultaneamente os Soldados Desconhecidos britânico e francês, mortos na Primeira Guerra Mundial. O morto britânico foi sepultado no centro de Londres na Abadia de Westminster. O morto francês sob o Arco do Triunfo em Paris, precisamente junto à Chama Eterna. O morto italiano foi sepultado no Monumento Nacional a Vitor Emanuel II, centro de Roma.

O fato é que a construção do Monumento Votivo originalmente não previa o túmulo do Soldado Desconhecido. O cemitério passou a ser chamado de Monumento Votivo Militar, o que era coerente com a condição de mero cenotáfio potencial: todos os nomes dos mortos estavam nele inscritos desde o início. Dessa modesta e puramente simbólica condição ele passou a repositório de um autêntico Túmulo do Soldado Brasileiro Desconhecido morto na Segunda Guerra Mundial. E, mais ainda, Túmulo do Soldado Brasileiro Desconhecido sepultado no exterior.

Segundo o ex-chefe do Estado Maior da FEB e então Adido Militar à Embaixada do Brasil em Roma, o então General Floriano de Lima Brayner, a identidade do corpo foi rapidamente estabelecida, pouco depois do sepultamento. Ele descreve dessa forma sua atuação no processo de identificação daqueles restos mortais, no livro “Luzes sobre Memórias” de sua autoria publicado em 1973 (BRAYNER, 1973:111):

E, aos cinco metros de profundidade foi encontrado sob as vistas de inúmeras pessoas, e farta documentação fotográfica. Reunidos os restos mortais num caixote, foram levados para o Cemitério de Montese, onde eu os revistei minuciosamente, não encontrando a placa de identificação. Na arcada dentária dos maxilares superior e inferior faltavam alguns dentes. No hemitorax esquerdo havia uma ogiva de morteiro, 60 alemão. Através pequenos objetos; botões, fio, foi por mim reconhecido como brasileiro, ficando a identidade para ser apurada mais tarde. [...] ao mesmo tempo que envidavam-se

esforços para se obter a identificação do “Pracinha Desconhecido de Montese”, através das unidades em que servia[...] Dois outros, do III Bat. do 11º R.I., foram encontrados em sepulturas fora dessa área e levados para o Cemitério de Pistoia, devidamente identificados. Um deles, Rubens Galvão, tinha a placa de identidade no pescoço; outro, não a possuía, mas, na mesma sepultura ao lado do corpo estava uma garrafa, e dentro dela um papel em que se lia o nome, Júlio Nicolau o número e a unidade daquele combatente. Quem escreveu nunca se ficou sabendo, pois o autor deve ter ficado com a placa. O terceiro extraviado, publicado no Boletim da Unidade de 16 de abril de 1945, chamava-se Fredolino Chimango, natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

Ficou assim estabelecida a identidade do “Pracinha de Montese”. Tratava-se de Fredolino Chimango, morto em circunstâncias heroicas no decorrer da Batalha de Montese, mas cujo corpo até então era dado como desaparecido. O ato de identificação, contudo, jamais recebeu sanção oficial, permanecendo sem efeito. É o que revela Lima Brayner em seu livro à página 112: “encontrado em 22 de maio de 1967, único brasileiro que ainda faltava, dos que tomaram no terrível entrevero de Montese, ainda aguarda que o Ministro do Exército autorize a identificação definitiva”.

A postura oficial, mas não assumida do Exército em não reconhecer a identidade do Soldado Desconhecido sepultado em Pistoia, não contou com a adesão unânime das organizações e unidades que o compõe. Sua unidade de origem, o 11 RI, já o homenageava de forma aberta em outubro de 1967, pouco mais de quatro meses depois de ter sido enterrado como “desconhecido” no Monumento Votivo de Pistoia. Segundo Lima Brayner:

Vinte e dois anos depois, outubro de 1967, 11 horas de uma manhã rebrilhante de sol, na cidade de São João del Rey, na caserna do 11º. RI, na sua praça d’armas, o Regimento todo reunido, em posição de sentido, erético, emocionado, preparava-se para ouvir a evocação do Combate de Montese e, em seguida receber das mãos do antigo Chefe de Estado Maior (Lima Brayner), da Divisão na guerra, uma bela caixa contendo terra de Montese, colhida no local em que esteve inhumado durante 22 anos o Cabo Fredolino Chimango, e que lhe fora enviada pela população da cidade sempre agradecida à unidade brasileira que a libertara dos seus tirânicos ocupantes. Ali estava, presidindo a cerimônia, o Comandante do I Exército. Cabelos grisalhos, pele já apresentando as

primeiras marcas da idade, o General de Exército Manoel A. Carvalho Lisboa, o bravo conquistador de Montese. Suportou com serenidade, os olhos embaciados de lágrimas, o impacto da saudade. Os jovens soldados, rígidos e traumatizados, em forma, ouviram as ordens de combate, as manobras e aflições dos pequenos comandos contados pelo célebre Tenente Iporan que foi o primeiro a entrar em Montese, hoje coronel reformado. Ali estava em traje civil, o peito coberto de medalhas. Dois jovens soldados, em meio às emoções, caíram desmaiados. (BRAYNER, 1973: 114)

A despeito desse tipo de evento público o que se constata é que o soldado enterrado em Pistoia segue sendo na prática desconhecido, embora tal se dê por conta de uma opção deliberada no sentido de não reconhecê-lo como quem de fato é, ou seja, Fredolino Chimango. Por que se adotou tal linha de ação e por que é mantida desde então?

Para se elucidar o assunto seriam necessárias extensas pesquisas adicionais, que escapam aos limites desse trabalho, envolvendo os jogos de interesses no interior dos Ministérios das Relações Exteriores e do Exército, sempre com referência a cada contexto histórico específico, da Ditadura Militar ao Atual Estado Democrático de Direito.

Além do contexto nacional, uma tal investigação teria que levar em conta também a pressão dos italianos para que o corpo permanecesse no Monumento Votivo. É o que sugere um pesquisador da história local da terra natal de Fredolino Chimango, a cidade de Passo Fundo (RS):

Conta o expedicionário Antão Moreira Alberto, ex-combatente, que esteve junto ao grupo com Fredolino, que um italiano encontrou o seu corpo e o enterrou, cuidando de sua sepultura com todas as honras. Esse italiano, segundo o depoimento de Antão Moreira, sabendo da volta dos restos mortais dos soldados à Pátria Brasileira, pediu que o corpo de Fredolino ficasse em solo italiano, representando sua terra na “Praça Brasil”, onde, diariamente, é hasteada a Bandeira do Brasil, sob os cuidados do Subtenente Reformado Miguel Pereira (expedicionário que lá ficou), adido da Embaixada Brasileira. (NASCIMENTO, 2010)

Esse mesmo pesquisador revela o que podem ser as razões pelas quais o corpo de Fredolino Chimango jamais foi reclamado pela família, permanecendo seu enterramento em Pistoia incontestado desde então: “Sua mãe, com a esperança de rever seu filho e aguardando suas cartas costumeiras, morreu sem saber que seu filho tombara para sempre, pois seus familiares achavam que não deviam lhe causar tal sofrimento”.

Fora de qualquer dúvida é que o reconhecimento do corpo foi realizado, e embora jamais tenha sido contestado ou refutado, segue sem ser formalizado pela instituição militar. Na ausência de mera autorização, o único corpo ainda sepultado no Monumento Votivo de Pistoia segue cultuado como sendo do Soldado Desconhecido. Correspondentemente à essa linha de ação, o corpo do Cabo Fredolino Chimango segue sendo dado como “não-identificado”, “desaparecido” ou “extraviado”. É o que se lê na inscrição de mármore no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro (RJ), como pude constatar em diferentes visitas que fiz ao local no decorrer dessa pesquisa.

Lima Brayner é bastante enfático ao denunciar esse procedimento, que considera injusto. Segundo ele:

Um dia Fredolino voltará, também, para ficar, a sua linda urna, homenagem da cidade de Pistoia, ao lado das outras que já se encontram no Flamengo. E naquele mármore do Salão da Urnas se apagará, para sempre, a triste palavra – “Extraviado” – (sic) que tanto pode significar “desertor” como “prisioneiro”. Ele que todos viram lutando leoninamente... A ele que promoveram por bravura e condecoraram “post mortem” chamaram de “extraviado” só porque não viram onde ele caiu, com um estilhaço de granada no peito? – É uma injustiça. (BRAYNER, 1973:115)

Aparentemente, foi por puro acaso que tal encaminhamento não foi inviabilizado pelos reclamos da família, como seria de se esperar. Desta forma, na ausência de contestação, o corpo do cabo de infantaria do 11 RI segue prestando um útil serviço à Pátria e às tradições militares e funerárias brasileiras: o de conferir significado e provocar a “magia” do Monumento. É o que se percebe nessa fala de Mario Pereira, filho de Miguel Pereira, atual administrador do Monumento:

Muitos dizem que o corpo do combatente da FEB achado décadas depois na Itália, é o Cabo Fredolino Chimango, porém, nunca houve uma confirmação, sendo este conhecido como o "Soldado Desconhecido", símbolo da Força Expedicionária Brasileira. Segundo o Sr. Mário Pereira, atual administrador do Cemitério de Pistoia, o soldado, pode ou não, ser Fredolino Chimango, falou também que com as tecnologias de hoje, através de exames de DNA, seria possível revelar a identidade do pracinha, porém, perderia a magia e o significado que o "Soldado desconhecido" tem, sendo o maior mártir do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Controvérsias à parte, historicamente a relação de amizade e afeto que a comunidade que foi vítima de um conflito armado estabelece com os soldados estrangeiros que tentaram de alguma forma proteger os civis é mantida e rememorada, mencionada em diversos momentos pelos protagonistas da história. As manifestações públicas documentadas também o confirmam.

Essa relação de carinho também se estende com o corpo morto do soldado. O fato do cadáver do Cabo Chimango ter ficado oculto, mas protegido tanto tempo pode ser comparado com diversos outros casos em que a população local se responsabiliza pela memória do indivíduo, estranho à comunidade, que morreu a defendendo.

Na obra “The Foreign Burial of American War Dead: A History”, o historiador Chris Dickon (DICKON, 2011: 172) narra algumas ocasiões em que a instituição militar e os regulamentos que definem os procedimentos com os soldados mortos foram negados por pressão da sociedade. A consulta ao manual do Graves Registration revela a proibição de sepultamentos individuais. Todos mortos devem ser sepultados em cemitérios militares.

Ainda que as sepulturas individuais sejam evitadas ou proibidas, existem em alguns locais da Bélgica corpos de soldados americanos que são mantidos isolados e, por vezes, fora de cemitérios militares. Por solicitação da população local, o soldado norte-americano Joe Farina que morreu na Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial, continua sepultado no Cemitério da Igreja de Comblain-la-Tour. Ele e outros sete norte-americanos permaneceram ali porque, além da família dos mesmos não ter solicitado o repatriamento, a população local se encarregou de cultivar a memória dos mesmos, cuidando dos túmulos e pedindo para o serviço norte-americano responsável pelas sepulturas de soldados que os mesmos não sejam transferidos (DICKON, 2011: 208).

As cerimônias do Memorial Day, o dia da lembrança, nestes locais revelou para o historiador como a população local rememora e celebra a presença desses mortos estrangeiros em sua cidade. A homenagem e o cuidado com as sepulturas, a pressão para que os restos daqueles homens fiquem na terra onde eles morreram, revela essa noção de responsabilidade com a morte do outro. Pode-se interpretar esses exemplos como representativos da relação que essas sociedades possuem com sua própria história.

As utilizações políticas do “corpo” do soldado desconhecido são destacadas em diversos contextos na contemporaneidade. A questão tecnológica também é relevante sobre este aspecto. Numa das visitas ao Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro, um dos responsáveis pela divisão de pesquisa do local me adiantou que já haviam descoberto a identidade do “desconhecido” que ali estava enterrado sob a chama eterna. A questão da história institucional, nesse caso, manter o soldado desconhecido como um símbolo, revela a relação que as Forças Armadas possuem com a sua própria história.

Em outros contextos, nem sempre o mito institucional prevalece. O caso norte-americano é exemplo disso. No cemitério de Arlington, encontram-se três soldados desconhecidos, respectivamente, da Primeira Guerra Mundial, da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coréia. O quarto soldado, que representava os soldados desconhecidos da Guerra do Vietnã, teve sua identidade descoberta por meio de exames de DNA em 1998. Como a família solicitou o corpo para sepultura familiar, seus restos mortais foram retirados do Monumento Nacional em Arlington (BIGLER, 2005).

Este aspecto referente às transformações e reinterpretações dos diferentes monumentos ao soldado desconhecido possui exemplos significativos em diversos contextos contemporâneos. Em 1990, com o fim do Muro de Berlim, foi inaugurado um monumento em homenagem ao Desertor Desconhecido, sem um corpo, mas celebrando os mortos desconhecidos que tentavam, durante a Guerra Fria (1945-89) fugir do lado oriental para o ocidental, na vigência da divisão da Alemanha em dois países, a República Federal da Alemanha (capitalista) e a República Democrática Alemã (comunista). Na vigência da divisão do país à época da Guerra Fria esse tipo de homenagem dificilmente teria sido possível.

Em outros países, essa relação com o morto desconhecido também resultou em obras que celebravam esse indivíduo. Depois de terminada a Guerra Irã contra o Iraque em 1982, Saddam Hussein construiu um monumento para abrigar o túmulo do soldado iraquiano desconhecido desse conflito. Outros países como Canadá, Nova Zelândia e

Austrália repatriaram os seus soldados desconhecidos, mortos nos conflitos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, de volta aos seus países de origem entre 2000 e 2004 (WITTMAN, 2011, 12). Essas iniciativas tem sido objeto de diversos estudos que buscam interpretar as representações do passado e sua respectiva conexão com a história nacional no contexto desses e em referência a esses traslados.

Na atualidade, os monumentos de guerra, celebrando vitórias ou os generais que as tornaram possíveis, são de certa forma proscritos, tanto por questões ideológicas como pela predominância do pacifismo que despreza e reconfigura o aspecto belicista dos mesmos, a fim de condenar a guerra. Entretanto quando os mesmos são lembrados e celebrados, ocorre nesses espaços a valorização de um novo tipo de luto, aquele em que é o indivíduo, o homem simples do povo, o soldado comum, que merece as homenagens.

A identidade do soldado é enfatizada e uma solidariedade entre os vivos e a rememoração dos mortos se manifesta. O caso brasileiro contemporâneo merece ser estudado. Em plena segunda década do século XXI, tornam-se frequentes os lançamentos de livros e páginas na internet, dedicadas à memória de combatentes comuns, tanto da Segunda Guerra Mundial quanto da Revolução de 1932.

Embora localizado e de pequena escala, o fenômeno não deixa de ser importante, ainda mais se tratando de uma sociedade presentista e de um país reputado como sendo “sem memória”. De um lado esse reconhecimento ao papel histórico desempenhado pelos mortos e as manifestações de apreço, respeito e solidariedade partem de herdeiros dos combatentes. É notável a quantidade de filhos de veteranos da Segunda Guerra Mundial que tem se empenhado em publicar, seja sob forma impressa ou na internet, a biografia do seu genitor, ex-combatente.

Esse súbito interesse pela rememoração dos mortos na guerra também aparece a partir do recorte geográfico. A rememoração dos “heróis da terra” se apresenta como uma variável relevante dessa relação com os mortos em guerra. Cidadãos de pequenos municípios desenvolvem diferentes iniciativa com vistas a celebrar e preservar a história e a memória dos ex-combatentes oriundos desses locais. Seja por interesse familiar, seja por motivação comunitária, o culto e a rememoração dos mortos na guerra continua, assumindo novas formas e respondendo a novas demandas sociais, o que certamente se constituirá em objeto para novos estudos na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGLER, Philip. **In Honored Glory**: Arlington National Cemetery: The Final Post, St
Pitsburg: Vandamere, 2005.

DICKON, Chris. **Foreing Burial of American War Dead: a History**. London:
McFarlane & Company Inc., 2011.

LIMA BRAYNER, F. **Luzes sobre memórias**. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1973

NASCIMENTO, Welci. **Fredolino Chimango** Disponível em:
[http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&con_codigo=12170](http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&con_codigo=12170&tipo=texto)
&tipo=texto [http://chicomiranda.wordpress.com/2013/10/25/o-cemiterio-militar-de-](http://chicomiranda.wordpress.com/2013/10/25/o-cemiterio-militar-de-pistoia-e-o-ultimo-dos-brasileiros-morto-na-italia/)
[pistoia-e-o-ultimo-dos-brasileiros-morto-na-italia/](http://chicomiranda.wordpress.com/2013/10/25/o-cemiterio-militar-de-pistoia-e-o-ultimo-dos-brasileiros-morto-na-italia/)

PINHEIRO, Jose Juarez Bastos. **A Força Expedicionária Brasileira na Segunda
Guerra Mundial**. Editora do Autor, Sem local, 1976.

VOLLDMAN, D. & CAPDEVILA, L. **War dead**: western societies and the casualties
of war. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2006.

WITMAN, L. **The Tomb of Unknown Soldier: Modern Mourning and the
Reinvention of Mystical Body**, 2011.